

Disputa política leva caos ao Hospital de Sobradinho

LANA CRISTINA

A crise que o Hospital de Sobradinho vive desde março não acabou. Os chefes continuam ameaçando que vão pedir demissão de seus cargos e vários médicos se recusam a cumprir horários estabelecidos pela direção. Com isso, pacientes no ambulatório e mesmo na emergência ficam sem atendimento. Ao denunciar o oftalmologista Geraldo Magela Vieira de boicotar o trabalho, a recepcionista do hospital, Terezinha Ramos Gaspar ouviu dele palavras de baixo calão.

O inquérito sobre o fato foi instaurado da Delegacia de Atendimento à Mulher. Segundo ela, Magela estaria deixando de atender pacientes. "Fui falar com ele e ele me xingou", conta a funcionária. Para Terezinha, o boicote dos médicos é para tentar afastar o diretor Edvaldo Dias Carvalho Júnior. "Ele foi o único aqui que teve coragem de fazer os médicos cumprirem a escala de trabalho, por isso os médicos são contra ele".

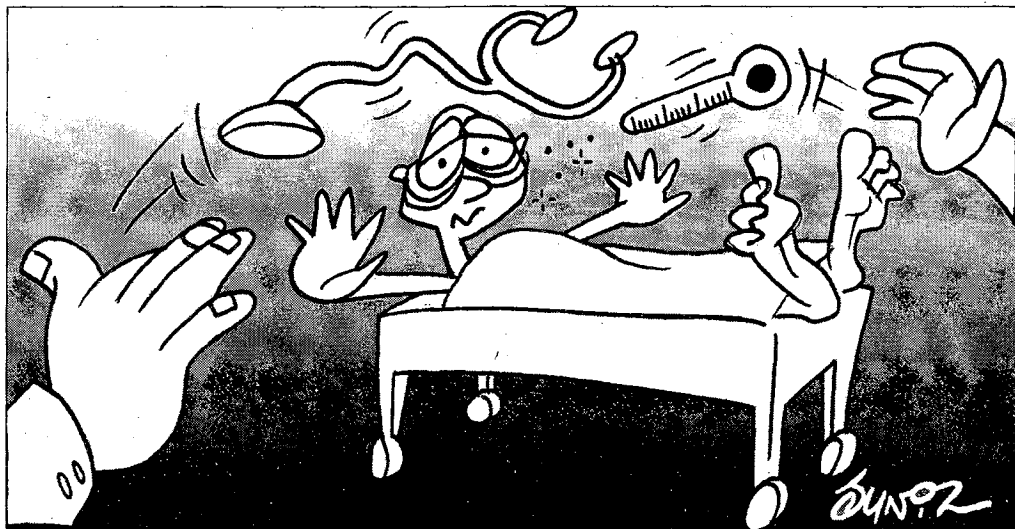
O Conselho Gestor de Saúde e a comunidade de Sobradinho, afirma Terezinha, enviaram à vice-governadora Arlete Sampaio abaixo-assinado com 1,2 mil assinaturas pedin-

do a permanência de Edvaldo. "Tem um grupo do marido da administradora querendo o lugar dele. O prejuízo dessa história toda é da comunidade", conclui Terezinha, que participa da diretoria da Associação de Moradores e Inquilinos de Sobradinho I e II.

Atendimento

- José de Oliveira Lima é morador de Brasília e há vários dias acompanha o tratamento ortopédico do amigo Levi José Lopes de Souza. Ontem de manhã, por falta de médico no Serviço de Pronto Atendimento (SPA), Levi e mais 40 pacientes tiveram que voltar pra casa sem atendimento.

O diretor do hospital explicou que a falta de médicos foi uma coincidência. "Tenho normalmente cinco ortopedistas atendendo nesse horário, mas dois entraram de licença médica e outra médica foi assaltada e precisou ir à polícia", explicou.



Segundo Edvaldo Dias, foi preciso deslocar um médico da enfermaria para a emergência, deixando o SPA sem profissionais. "Esse setor foi criado no mês passado para atender os pacientes em fase de revisão", conta o diretor.

Segundo ele, a divergência está em várias adequações de atendimento promovidas em sua gestão, uma delas a agenda do ambulatório que passou a abrir espaço para pacientes sem consulta marcada. "Ninguém gostou, porque antes atendiam os marcados e iam embo-

ra, agora exijo que fiquem durante o horário que o ambulatório funcionar", determinou o diretor.

Ex-chefe da clínica ortopédica, Murilo Reis, não quis comentar sobre sua saída da chefia. "A diretoria já antipatiza com minhas posições", disse o médico. Anteriormente, porém, ele mesmo havia se declarado contra os atos de Edvaldo que, além de outras medidas administrativas, reduziu as horas-extras.